ABRE aspas

AGROANALYSIS dirigiu duas perguntas a alguns dos principais executivos das melhores empresas do agribusiness deste ano. A primeira quis saber dos fatores positivos e negativos que poderiam afetar especificamente os negócios e o segmento de cada entrevistado. A segunda especulou sobre o cenário econômico projetado para o próximo ano. As reações oscilam da extrema cautela ao otimismo contido. Vale a pena conhecer as expectativas dessa parte representativa da agroindústria do país.

CORTESIA DO EDITOR

Muita precaução

As perspectivas para 1999 não são nada animadoras. Todo cuidado é pouco.

COAMO



Aroldo Gallassini, presidente da Coamo

"Os reflexos da crise de confiança gerada pelos mercados internacionais deverão provocar desajustes significativos na economia dos países emergentes. A conseqüência direta disso em nosso setor são a elevação dos encargos financeiros e a escassez das linhas de crédito com taxas compatíveis com a rentabilidade do setor agrícola. A Coamo sempre disponibilizou insumos necessários ao plantio da safra para que seus 17.500 cooperados plantem na época certa e obtenham financiamento de custeio para liquidar suas posições na cooperativa.

Em todos os planos econômicos porém o setor agrícola é o primeiro a sofrer as conseqüências das políticas oficiais de ajuste. Quando as taxas de juros sobem, somem os recursos para financiamento agrícola, em particular os financiamentos complementares para a soja, que tem acesso a apenas R$40 mil de recursos controlados pelo governo federal. Espera-se uma solução rápida, uma vez que já se iniciou o plantio da safra de verão do milho e em outubro e novembro se planta soja – sem o que obviamente não haverá safra.

Ao contrário do que aconteceu em 1996 e 97, quando os baixos estoques internos e externos motivaram os maiores preços das últimas safras, neste ano além da crise mundial tivemos boas safras e a conseqüente recuperação dos estoques mundiais puxando os preços para baixo.

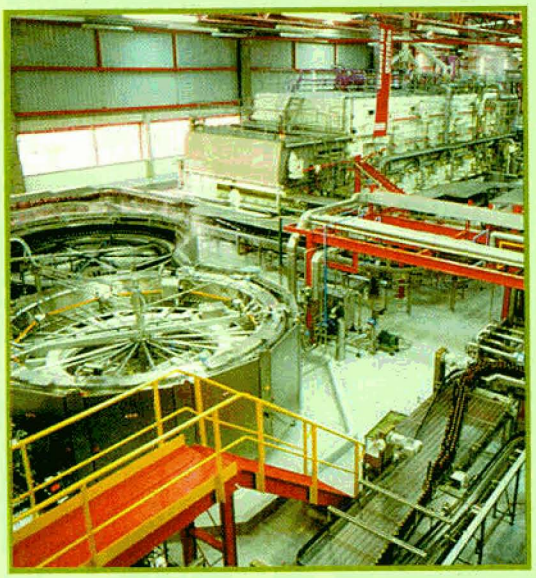
Ao longo de 28 anos a política austera e o planejamento estratégico da Coamo aliados à atuação dos cooperados, da diretoria e dos funcionários vêm reduzindo custos sem perda de qualidade dos serviços e de competitividade. Isso preserva a adaptação da cooperativa às condições do mercado, permitindo reavaliação das políticas financeiras, de investimentos, de logísticas e comerciais.

Diante da crise mundial, a alternativa para todos os setores da economia brasileira é muita precaução. As previsões indicam redução de consumo devido aos problemas conjunturais, e o excesso de oferta de produtos agrícolas no mercado mundial deverá afetar exportações como as de farelo de soja e frango. As perspectivas para 1999 não são nada animadoras. O momento pede análise cuidadosa de planejamentos e investimentos. Por outro lado, esperamos que o governo federal encontre um ponto de equilíbrio e que a crise possa afinal ser superada."

BRAHMA

Exorcizando a crise

Obter a excelência empresarial faz parte da estratégia para vencer as dificuldades globais por que passa o país.



Para Danilo Palmer, diretor financeiro e de Relações com o Mercado da Cia. Cervejaria Brahma, "o equilíbrio contábil a ser atingido pelas empresas nesta fase difícil em que os mercados financeiros desabam e a recessão ameaça as economias nacionais exige profundo conhecimento e muita competência, sobretudo no que se refere à área de custos. É essencial livrar-se do endividamento e cortar gastos para manter a competitividade, caso se deseje chegar a salvo ao outro lado da ressaca econômica que atinge de modo indiscriminado a economia, de modo mais sensível as dos países em vias de desenvolvimento.

As projeções mais otimistas mostram que o abrandamento da crise é possível, mundial e internamente. Além disso, é possível que o desejável controle das contas do governo seja afinal alcançado, assim como a retomada do desenvolvimento, num ambiente de estabilidade política. São fatores praticamente decisivos para garantir um bom desempenho econômico e um ambiente favorável aos negócios empresariais.

O ano que vem se prenuncia difícil. Mesmo que as estimativas mais amenas se realizem, mesmo que a crise mundial não se aprofunde nem se instale a recessão, as conseqüências do abalo registrado a partir do segundo semestre de 1997 e de seus sucessivos episódios – elevação dos juros domésticos, pedido de moratória pela Rússia, por exemplo – devem perdurar e exigir habilidade e talento dos executivos para tentar obter resultados positivos e consolidação das posições conquistadas.

Reduzir o endividamento ou eliminá-lo, cuidar dos recebíveis, obter vantagens que se traduzam em lucros e maior capacidade de competição têm que fazer parte da pauta de prioridades da empresa. A meta é a excelência empresarial, único meio eficaz de exorcizar a crise."

BASF

Crescendo apesar de tudo

O Brasil deverá tornar-se o terceiro maior mercado do mundo em defensivos, só ficando atrás dos EUA e do Japão.



Rui Goerck, diretor da área de agricultura da Basf S.A.

"A meta de atingir 100 milhões de toneladas de grãos no Brasil em 2000 depende de certos fatores, entre os quais maior uso de tecnologia. Além de terra e mão-de-obra, destacam-se aqui o uso de sementes certificadas, fertilizantes e defensivos agrícolas. Com relação aos dois últimos, há uma correlação entre seu consumo e produtividade por unidade de área. De 1990 a 1997 a área plantada aumentou 3% (de 36 para 37 milhões de hectares), a produção 50% (de 54 para 81 milhões de toneladas), o consumo de fertilizantes 70% (de 8,2 para 14 milhões de toneladas) e o consumo de defensivos 120% (de US$1 bilhão para US$2,2 bilhões).

O segmento de defensivos agrícolas continua crescendo (crescimento estimado de 10%). O Brasil deverá tornar-se o terceiro maior mercado do mundo, superando a França em 1998 e ficando atrás apenas dos EUA e do Japão, países que consomem em média cinco a oito vezes mais defensivos por hectare. Em algumas

culturas como arroz, milho, café, algodão e horticultura existe grande potencial de produtividade; para a soja, devido ao alto nível tecnológico do produtor e ao cenário de preços internacionais desfavorável, espera-se uma estagnação do segmento.

A profissionalização dos setores de insumos, produção e comercialização; as novas tecnologias desenvolvidas no mundo, trazidas e incorporadas à nossa agricultura; a grande diversidade de regiões reduzindo o risco de quebras de safra; o alto potencial e baixo custo de incorporação de novas áreas à produção e a proteção de patentes e variedades vegetais que estimula o investimento externo são fatores positivos.

Os fatores negativos ou de risco são alta descapitalização do setor e poucas garantias de crédito, baixo preço internacional da soja, deficiência de infra-estrutura logística para o escoamento da produção e a crise asiática, que poderá reduzir exportações e elevar a taxa de juros para os financiamentos de custeio.

A Divisão Agro da Basf prevê crescimento superior à média de mercado devido às novas tecnologias, mas o risco de crédito é bastante elevado e a venda criteriosa será fundamental para o sucesso.

A curto prazo outros problemas serão enfrentados, como o livre trânsito de produtos fitossanitários genéricos no Mercosul. Esses produtos não passam por testes e avaliações tão rigorosas como os que se encontram atualmente no mercado brasileiro, representando certo risco para a população e o meio ambiente, o que reduz o interesse das empresas internacionais de investir no Brasil. Um produto novo exige um investimento médio de US$150 milhões entre sete e nove anos.

Para 1999 estima-se um aumento do PIB agrícola brasileiro em torno de 1,5%. O setor de defensivos continuará crescendo porém a uma taxa mais próxima de 5% ao ano. A introdução de dois novos produtos por ano, principalmente fungicidas, deve elevar a participação da Basf no mercado nos próximos anos.

SOUZA CRUZ

Sinais de fumaça

A demanda só deve voltar ao normal no ano 2000, com sinais de retomada do crescimento a partir de 2001.



Gerson Cardoso, diretor da área de fumo na Souza Cruz

O Brasil é o maior exportador de fumo do mundo, consolidando cada vez mais essa posição através da oferta de um produto com qualidade, confiabilidade e preços competitivos, condições importantes para concorrer no mercado internacional. Ante a perspectiva de redução do volume das safras de fumo dos principais concorrentes, o Brasil deverá aumentar sua produção em relação à de 1998, cujo volume foi reduzido pelo excesso de chuvas (efeito El Niño). Aumenta, portanto, o volume para exportar.

A pressão nos preços internacionais em função da crise financeira e a desvalorização da moeda local, encarecendo os custos dos produtos importados, podem provocar redução da demanda de fumo por parte dos países afetados pela crise.

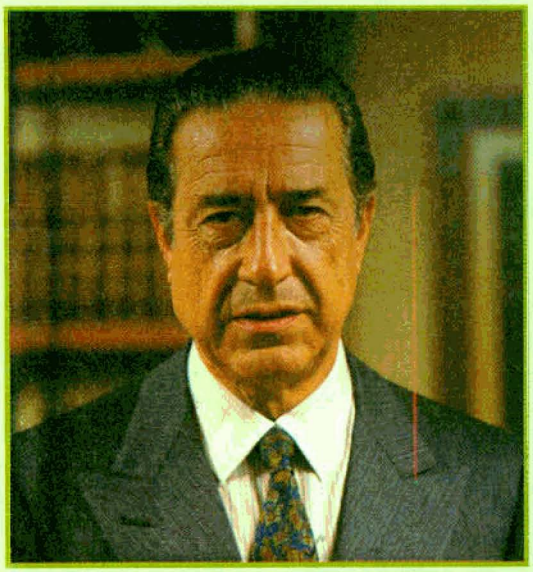
O cenário para o setor fumageiro em 1999 é de possível retração da demanda com perspectivas de pressão para reduzir os preços internacionais. A demanda deverá voltar ao normal apenas no ano 2000, com sinais para retomada de crescimento a partir de 2001.

Isso determina que as indústrias continuem a cortar seus custos operacionais para garantir a competitividade e aumentar as exportações de fumo do Brasil, pois os mercados estão cada vez mais exigentes, e a qualidade aliada a um bom preço torna possível competir no mercado internacional.

PIRELLI

A face relativa da crise

Bons desempenhos agrícolas e políticas acertadas podem atenuar os efeitos da crise econômica mundial.



Giorgio della Seta, diretor presidente da Pirelli

"A atual indefinição do mercado diante da crise restringe o poder de compra e o crédito no mercado internacional. É inevitável a queda ainda maior dos preços internacionais de grãos, principalmente da soja.

Este cenário e as incertezas no mercado interno quanto à manutenção dos incentivos e financiamentos do governo levam a crer num mercado agrícola pouco promissor para o próximo ano. Alguns fatos, porém, podem ser considerados pontos de referência:

- O Brasil produziu 35% mais açúcar em agosto deste ano do que no mesmo mês do ano passado e exportou 2,56 milhões de toneladas.
- Mesmo com os preços internacionais da atual conjuntura, o plantio e a colheita de soja tiveram o maior de todos os desempenhos de sua história, com 4 milhões de toneladas a mais que na safra anterior.

Além disso, a ação em andamento por parte de secretários e ministros da Agricultura do Mercosul que, através do manifesto de Montevidéu, pregam o princípio da liberalização do comércio agrícola mundial nos levam a um planejamento de médio prazo com crescimento do mercado agrícola para 1999, em função das metas federais e estaduais de fixar o homem no campo, atingir os 100 milhões de toneladas de grãos e manter a competitividade internacional dos nossos produtos.

A Pirelli no Brasil tem crescido em função de investimentos no desenvolvimento e complementação da gama de produtos que viraram referência de mercado devido à sua qualidade e de uma unidade de negócios focalizada no agribusiness, atenta a toda mudança e às oportunidades de mercado. A confiança neste país nos mantém sempre entre os primeiros produtores mundiais."

ITAMBÉ

Tempo de vacas magras

Os brasileiros consumiram menos leite nos seis primeiros meses deste ano do que no mesmo período de 1997.



José Pereira Campos Filho, presidente da Itambé

"A Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais, detentora da marca Itambé, atua no mercado interno do setor de alimentos, particularmente no segmento de laticínios.

O setor tem sido afetado pelas importações de produtos lácteos, um comércio influenciado e distorcido pelos elevados subsídios concedidos pela União Européia. Cerca de 15% do consumo nacional de lácteos consiste de produtos importados – uma concorrência desleal e danosa ao setor, durante quase meio século totalmente controlado pelo governo, que fixava todos os preços na cadeia e proibia as importações.

De 1995 a 1998 o setor lácteo foi responsável por um déficit na balança comercial de cerca de US$2 bilhões. Em 1998 esse valor deverá alcançar US$600 milhões.

O quadro recessivo previsto para a economia afetará profundamente o setor, agravando a situação atual, que já é de redução do consumo de lácteos. Segundo pes-

quisa do Ibope, comparando-se o consumo de leite do primeiro semestre de 1998 com o do mesmo período de 1997, nota-se uma redução de 6%, revertendo um quadro de consumo crescente após 1994, quando a oferta de leite passou de 100 para 140 litros/habitante/ano.

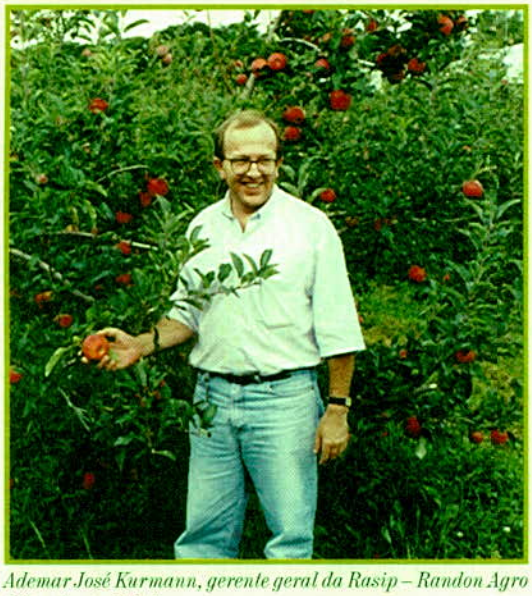
Outro aspecto afeta profundamente o setor: o crescente processo de concentração industrial com fusões e aquisições, principalmente por empresas multinacionais, elevando a escala de produção das indústrias e reduzindo a participação do capital nacional no segmento lácteo, o que obriga as cooperativas a um processo de ajuste rápido mas profundo no qual muitas delas não têm conseguido sucesso.

Quanto ao cenário econômico projetado para 1999, tudo indica que teremos um quadro recessivo. Com o aumento do desemprego o consumo deverá se reduzir ainda mais, agravando o atual cenário, já de bastante dificuldade, especialmente para o produtor rural, que aumentou a oferta de leite em mais de 35% nos últimos quatro anos, mas teve sua renda comprometida com a estabilidade dos preços do leite após o Plano Real e com o acréscimo de custos de produção da ordem de 80% medidos pelo IPP/FGV. ”

RASIP

Fruto nada proibido

Não chega a ser o paraíso, mas a expectativa é de melhores dias para a maçã.



Ademar José Kurmann, gerente geral da Rasip – Randon Agro Silvo Pastoril Ltda.

“O crescimento mundial de produção de maçãs em comparação ao crescimento populacional está superior à velocidade de incremento de demanda. O crescimento da produção brasileira é da ordem de 13% para a safra 1998/99, o que representa uma oferta adicional de aproximadamente 85 mil toneladas de maçãs.

A Argentina, nosso grande fornecedor de maçãs e peras, propicia aos seus produtores incentivo fiscal de reintegro à taxa de 12%. Isto é um fator negativo na conjuntura atual de comercialização do produto. Outro ponto negativo a destacar são os altos subsídios praticados pelos Estados Unidos e pela União Européia no comércio agrícola mundial.

No Brasil, a maçã na plataforma de embarque, antes dos impostos sobre vendas, tem uma carga tributária da ordem de 20% em seu custo, enquanto o produto importado chega às aduanas brasileiras com zero de carga tributária. A tendência de agravamento de recessão na economia brasileira, com o crescimento negativo do PIB na ordem de 1 a 2% adiciona mais restrições aos negócios.

Em contrapartida, são positivos fatos como a criação e o lançamento de seguro agrícola para a cultura da macieira através da iniciativa privada, propiciando ao produtor assegurar a expectativa de receita do pomar. Este seguro é especificamente contra o granizo, que representa risco maior para o setor. O seguro nasceu de parceria entre a Porto Seguro e a companhia suíça Winterthur, considerada uma das maiores seguradoras e resseguradoras mundiais do setor.

Podemos listar ainda mais alguns fatores positivos:

- por decisão do Conselho Monetário Nacional (CMN), a cultura da maçã foi incluída no Programa de Garantia de Atividade Agropecuária (Proagro) o que propicia maior tranqüilidade aos produtores que utilizam custeio agrícola;
- o consumidor mundial começa a dar preferência ao consumo de maçãs bicolores nas variedades gala e fuji;
- as reformas fiscal e tributária que necessariamente terão que acontecer no ano que vem;
- os 15 países do grupo Cairns, formado pela África do Sul, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Fiji, Filipinas, Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Paraguai, Tailândia e Uruguai, lançaram um apelo à Organização Mundial de Comér-

cio (OMC), para que os EUA e a União Européia eliminem as subvenções à exportações para a próxima rodada de negociações no setor agrícola, que deverá iniciar em fins de 1999.

A produção americana de maçãs, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), está estimada em 5,1 milhões de toneladas, superior em 9% à oferta de 97/98. A produção européia está estimada em 10 milhões de toneladas, devendo ficar abaixo da oferta de 1997/98 na ordem de 3,8%, de acordo com levantamento do Prognosfruit.

Um dos maiores mercados dos americanos era a Ásia mas, com a crise econômica que o continente vem enfrentando, algumas dúvidas começam a ser levantadas pelos produtores do hemisfério Sul: Para onde será direcionado o incremento da oferta americana? Será consumido no mercado interno americano? Será direcionado para a América Central? Será direcionado para a Comunidade Européia? Ou será direcionado para a América do Sul, com possibilidade de chegar ao Brasil?

Além dessas dúvidas, o produto brasileiro ainda terá um crescimento de produção superior ao crescimento da capacidade frigorífica de armazenagem para a safra 1998-99.

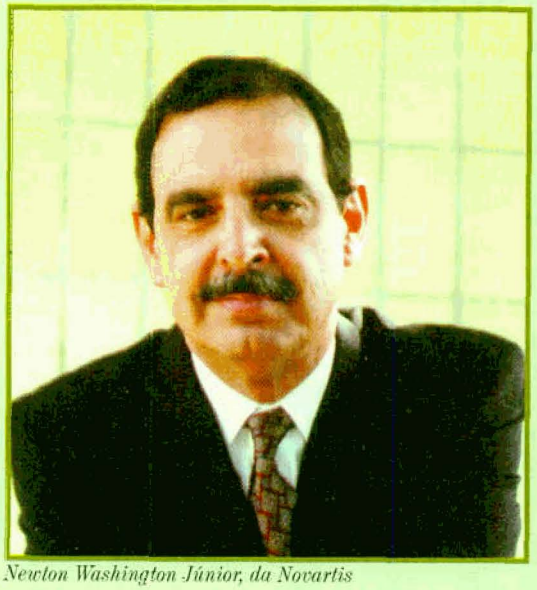
Diante dessas evidências, considerando ainda um não-crescimento da economia brasileira e a alta dos custos financeiros, o primeiro semestre de 1999 será pautado em nosso segmento pelas seguintes estratégias:

- ênfase no mercado internacional, principalmente a Europa, efetuando um volume significativo de exportação das variedades de maçãs gala e fuji, para compensar o incremento de produção e definitivamente marcar presença no mercado internacional de maçãs como um país exportador;
- possivelmente teremos um aviltamento de preços no mercado doméstico durante o período de colheita que se encerra em meados de maio de 1999;
- a partir do segundo semestre de 1999, a oferta se estabilizará nos patamares de 1998, com melhora na qualidade de venda, o que bem caracteriza nosso setor por ser um produto sazonal.

NOVARTIS

De olho no futuro

Estabilidade econômica e investimento garantem dias melhores para o agronegócio brasileiro.



Newton Washington Júnior, da Novartis

"O fator de transformação mais relevante para o setor agrícola, nestes quase cinco anos de estabilização econômica, sem dúvida, foi a adoção de modernas práticas culturais, em culturas tais como soja, citros, café, que permitiram ao Brasil equiparar-se em produtividade aos centros mais tecnificados do mundo. São culturas em que temos uma vantagem estratégica sustentável, e que respondem, de forma muito imediata, ao uso de tecnologia.

Nossa expectativa é que, em 1999, o Brasil continue no rumo de uma economia estável, que sejam adotados mecanismos que permitam, ao país, suportar os efeitos da crise internacional, porém, dentro de parâmetros que não penalizem demasiadamente o setor produtivo. Isso é necessário para que este fluxo de investimento e modernização na agricultura não seja interrompido.

Trabalhamos com a perspectiva de um crescimento econômico menor. Culturas como soja, milho, café e algodão não terão, no nosso entender, preços tão atrativos como na última safra. Isso tudo deverá impactar no setor de Defensivos Agrícolas, que poderá ter sua taxa de crescimento reduzida em relação aos 15 - 20% dos últimos anos.

A médio prazo, no entanto, mantemos a certeza de que o Brasil continua a ser um dos países mais atrativos para investirmos. Inovação será, sem dúvida, um aspecto muito positivo em nossa expectativa para 1999, quando estaremos introduzindo produtos como Thiamethoxan, Resist, dentre outros. É este visão de longo prazo que nos faz acreditar que, com árdua trabalho de implementação, valerá a pena superar as dificuldades de 1999."